

Temperança e moderação no *convivium* tardo-antigo: uma análise com base na *Saturnalia*, de Macróbio

Temperance and moderation in Late Antiquity 'convivium': an analysis based on the 'Saturnalia' of Macrobius

Jenny Barros Andrade*

Resumo: O banquete romano (*convivium*) foi uma importante prática social, que consistia em uma ocasião de sociabilidade e de estreitamento de laços entre os participantes. Compreendemos tal momento festivo como uma cerimônia de relevância principalmente nos meios aristocráticos, não estando isento, entretanto, de códigos que regulassem o rito dessa ocasião. Como podemos concluir por meio da obra literária *Saturnalia*, o autor e escritor Macróbio narra um banquete em honra ao deus Saturno e se preocupa em orientar os seus convivas quanto às normas existentes e como elas regulam o corpo do comensal. Desse modo, temos como objetivo, no presente artigo, analisar como Macróbio evocou o conceito de temperança a fim de disciplinar o corpo dos convivas.

Abstract: The Roman banquet (*convivium*) was an important social practice, which consisted of an occasion of sociability and of closer ties between the participants. We understand this festive moment as a ceremony of prominence, especially in the aristocratic milieus, not being exempt, however, from codes that regulate the rite of this occasion. As we can analyze through the literary work *Saturnalia*, the author and writer Macrobius narrates a banquet in honor of the Saturn and is concerned with guiding his guests about the existing norms and how they regulate the body of the diner. Thus, we aim at this article to analyze how Macrobius evoked the concept of temperance in order to discipline the body of the guests.

Palavra-chave:

Macróbio;
Convivium;
Corpo;
Temperança.

Keywords:

Macrobius;
Convivium;
Body;
Temperance.

Recebido em: 07/08/2018
Aprovado em: 11/09/2018

* Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em História Social das Relações Políticas (PPGHIS) da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), sob orientação do prof. Dr. Gilvan Ventura da Silva.

Introdução

O *convivium* consistia na realização de um banquete romano oferecido por um anfitrião aos seus visitantes, sendo que tal forma de comensalidade era bastante popular entre a elite romana (DONAHUE, 2015, p. 173). Era um momento de descanso, de discussão e interação entre os convivas, que deveria ser feito em conjunto, visto que o comer e o beber na Antiguidade relacionavam-se intrinsecamente com o ato de compartilhar, devendo ser executados em cooperação. Como o próprio termo afirma, *convivium* significa literalmente “viver junto”, sendo, portanto, uma importante instituição social e cultural que permitia o fortalecimento dos laços de amizade e de identidade entre os participantes.

Apesar do caráter festivo da ocasião, o banquete não acontecia à revelia de seus participantes, mas consistia num ambiente permeado por códigos que conduziam os convivas a um determinado comportamento, disciplinando-os e controlando seus corpos.¹ Como afirma Guarinello (2001, p. 973), “toda festa tem suas próprias regras, seus códigos de conduta, sua rede de expectativas recíprocas, que podem ser escritas, ou fortemente ritualizadas, ou absolutamente espontâneas e informais [...]”. Por conseguinte, é característico do momento festivo um controle das ações, visto que a festa tem normas, que geram uma expectativa entre os comensais quanto às atitudes uns dos outros.

Defendemos, portanto, que o momento do banquete era permeado por códigos que regulavam o corpo do comensal, definindo o modo como estes deveriam comer, beber, se vestir e se comportar durante o *convivium*, com base principalmente no conceito de temperança e moderação. É preciso definir, inclusive, que compreendemos o corpo humano como socialmente concebido, ou seja, a sociedade o configura e o modela de acordo com suas próprias crenças e disposições. O grupo social no qual o sujeito se insere determina quais os atributos morais, físicos, intelectuais e afetivos que este deve possuir, contribuindo para a fabricação do seu corpo. Para que isso ocorra, é necessário que o indivíduo sofra um processo de socialização, para que seja aceito, tornando a vida social possível.

Como aponta Rodrigues (1979, p. 33), “uma pessoa pode ser considerada socializada quando abre mão de sua autonomia fisiológica em favor do controle social e quando comporta-se a maior parte do tempo como as outras pessoas, seguindo

¹ De acordo com Foucault (1987, p. 118-119), as disciplinas são métodos que permitem o controle do corpo, sujeitando-o às suas forças e estabelecendo uma relação de docilidade-utilidade, de modo que “a disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos ‘dóceis’”, aumentando sua utilidade, sua aptidão, ao passo em que estabelece uma relação de sujeição, de dominação.

rotinas culturalmente estabelecidas". Desse modo, compreendemos que para que o indivíduo, membro da elite, seja benquisto pelos seus pares, é necessário que ele se adeque às imposições que são impostas sobre seu corpo. Percebe-se, assim, que o ato de se alimentar não decorre somente das necessidades fisiológicas do ser humano, mas encontra-se eivado de condicionantes culturais.

A fim de compreendermos como essa regulação do corpo ocorre no banquete tardo-antigo, iremos utilizar a obra *Saturnalia*, do filósofo e escritor Macróbio, escrita por volta de 430 d.C. Faremos uso dessa documentação textual, pois ela nos permite compreender quais eram as expectativas em torno do comportamento do conviva no ambiente do *convivium*.

O banquete romano na *Saturnalia*, de Macróbio

A *Saturnalia* representa um dos mais importantes testemunhos literários acerca da continuidade do *convivium* na Antiguidade Tardia. A obra foi escrita por Macróbio Ambrósio Teodósio, que viveu entre o final do século IV e o início do século V d.C., tendo redigido a obra por volta de 430 d.C. Composta por um conjunto de sete livros, que chegaram até nós de forma incompleta, a obra consiste em um compêndio de saberes que seriam necessários à formação de um membro da elite. Vale ressaltar que um importante aspecto da documentação consiste no objetivo pedagógico do autor, uma vez que este dedicou a obra ao seu filho Eustácio, com o propósito de contribuir para sua formação (Macrobius, *Saturnalia*, I, 2-3).

Julgamos, no entanto, que a intenção do autor ultrapasse seu desejo de conferir ao filho uma formação educacional adequada. Acreditamos que o principal propósito consiste numa valorização da cultura clássica, da *paideia*, de modo a enfatizar a importância dessa cultura ainda em meados do século V, como fator de identidade da elite. Como afirma Kaster (1980, p. 258-260), na obra de Macróbio há um louvor ao clássico, ao antigo: "Nós devemos sempre reverenciar os dias passados, se formos sensatos: aquelas foram as gerações que conquistaram esse Império com seu sangue e suor, e somente uma abundância de virtudes pode ter feito isso possível" (Mac., *Sat.*, 3, 14, 2).

O enredo da obra consiste na representação de um *convivium*, no decorrer do qual se reuniram os principais membros da aristocracia senatorial de fins do século IV, por três dias, para discutirem tópicos da cultura clássica. O banquete de Macróbio tem como pano de fundo as Saturnais,² uma festa realizada em honra ao deus latino Saturno, assimilado

² As Saturnais era uma das festividades mais populares de Roma, celebrada durante a República somente no dia 17 de

à divindade grega Cronos, o que justifica o nome da documentação. Os personagens da obra eram responsáveis por dialogar e debater assuntos como astrologia, literatura, gramática, retórica, entre outros conhecimentos, o que caracteriza a *Saturnalia* como uma literatura de erudição.

Os dois primeiros livros, que narram o primeiro dia da festa (17 de dezembro), apresentam vários temas debatidos entre os convivas, como a história das *Saturnalia*, a religião romana, o calendário, a teologia solar e o vinho e seus prazeres. A obra *Eneida*, de Virgílio, e vários aspectos do rito religioso romano são discutidos nos livros III, IV, V e VI de forma exaustiva, enquanto no último livro, são debatidas questões médicas e problemas de digestão e visão. Portanto, é possível constatar a discussão de diversos elementos da cultura clássica e do paganismo no debate entre os convivas, o que atesta a permanência e importância de tais valores dentro da sociedade da Antiguidade Tardia.

É necessário salientar que esses comensais, presentes no banquete de Macróbio, possuíam conhecimento suficiente devido à sua formação, pois eram personagens históricos da elite durante o século IV, a exemplo de Vetio Pretextato que ocupou cargos como governador da Acaia (362-364) e prefeito de Roma (367-368), e Símaco, tendo sido prefeito de Roma (384-85) e cônsul (391). Além da valorização do antigo, Kaster (1980, p. 260) destaca outro aspecto da obra: Macróbio, ao representar um *convivium* com os aristocratas mais distintos do fim do século IV, notáveis não só pela sua posição social, mas também pela erudição, retrata-os como uma elite coesa, harmoniosa, detentora da *paideia*; que respeita os valores e as regras presentes no momento do banquete. Desse modo, é lícito supor que Macróbio desejasse fornecer à sua geração um modelo da cultura clássica, de modo que se preocupou como iria representar os convivas presentes no banquete.

A temperança e a moderação como virtudes éticas

Diante do exposto acima, utilizaremos a documentação escrita por Macróbio a fim de compreender a representação que o autor realizou acerca do *convivium* romano e de constatar quais as regras que disciplinavam o corpo do conviva, além do papel da temperança nesse controle. Como afirma Carneiro (2010, p. 45), na cultura greco-romana prevaleciam os ideais de moderação e temperança, sendo essa uma das virtudes

dezembro, no caso, no décimo quarto dia antes das calendas de janeiro (Mac., *Sat.*, 1, 10, 18-23). No entanto, o festival foi ampliado em 46 a.C. devido às mudanças que Júlio César realizou no calendário romano, quando foram adicionados dois dias ao mês de dezembro, de modo que as Saturnais passaram a ter duração de três dias. Macróbio ainda ressalta que, a partir da incorporação da festa das *Sigilarias*, que costumavam ocorrer entre os dias 21 e 22 de dezembro, as Saturnais se estenderam por sete dias.

morais de Aristóteles e um ideal sempre retomado por Macróbio ao longo do banquete. De acordo com o filósofo grego, a virtude (*areté*) moral do indivíduo não consiste em emoções ou capacidades intelectuais,³ mas em uma disposição que o torna bom diante de seus sentimentos e que o faz desempenhar bem suas atividades (Aristoteles, *Ethica Nicomachea*, II, 5, 1105b, 29; 1106a, 8-14), pois, “[...] não é para adquirir conhecimento que estamos considerando o que é a virtude, mas para nos tornarmos pessoas boas – caso contrário, não haveria sentido nisso” (Arist., *Eth. Nic.*, II, 2, 1104a). Assim, o exercício da virtude, da qual depende a felicidade (*eudaimonía*) do indivíduo, expressa-se na forma positiva com a qual o homem se comporta frente às suas emoções (Arist., *Eth. Nic.*, I, 13, 1102a 5).

Para além da definição, o que mais nos interessa aqui consiste no fato de que a virtude tem o objetivo de alcançar o intermediário (Arist., *Eth. Nic.*, II, 6, 1106b 15). Aristóteles aponta que a virtude moral está relacionada aos sentimentos, às ações e às paixões, pois é exatamente neles que ocorrem os excessos, as ausências e o equilíbrio. O medo, a confiança e a raiva, por exemplo, podem ser experimentados de forma excessiva, escassa ou equilibrada. No entanto, como define o autor, “senti-los nos momentos certos, com referências aos objetos certos, para as pessoas certas, com o motivo certo, e no caminho certo, é o que é intermediário e melhor, e isso é característico da virtude” (Arist., *Eth. Nic.*, II, 6, 1106b, 20-24). Portanto, a virtude reside no equilíbrio, sendo louvada exatamente por esse aspecto, enquanto a instabilidade ou desarmonia dessas emoções, seja no excesso ou na escassez, são mal vistos, consistindo em vício.

Uma das virtudes morais consiste na temperança (*sophrosyne*), que está relacionada aos prazeres corporais ligados ao paladar e ao tato, como o beber, o comer e o sexo.⁴ Se a virtude consiste no equilíbrio das ações e das emoções, a temperança é definida por uma atitude de moderação diante dos prazeres do corpo: o indivíduo virtuoso não se deixa levar pelos desejos dos intemperantes: não há sofrimento, dor ou angústia diante da falta de prazeres e, quando se deleita, é de forma comedida. Como explicita Ramos (2009, p. 74):

³ De acordo com Aristóteles (*Eth. Nic.*, II, 5, 1105b, 19-33; 1106a, 1-11), é possível encontrar na alma emoções, capacidades e disposições. O autor argumenta que a virtude não pode ser uma emoção, pois os sentimentos são experimentados sem nenhuma escolha, ao contrário das virtudes, que são disposições engendradas no indivíduo de forma racional e por meio da prática, pois “não surgem em nós nem por natureza nem contrárias à natureza, mas a natureza nos dá a capacidade de adquiri-las, e aperfeiçoá-las através do hábito” (Arist., *Eth. Nic.*, II, 1, 1103a). Outro argumento consiste no fato de que nenhum indivíduo é considerado bom ou mal de acordo com suas emoções, mas sim conforme as suas virtudes ou vícios. Do mesmo modo, a virtude também não poderia ser uma capacidade, pois essa última é adquirida por natureza.

⁴ Como aponta Carneiro (2010, p. 69), os demais sentidos, como a visão, a audição e o olfato, não correm o risco da intemperança, pois são “a contemplação do belo e do agradável”.

O temperante não é, portanto, nem insensível, nem continente, porque sua educação e seu cuidado disciplinado do corpo, não lhe legou a falta de apetites, mas sim a falta de apetites maus, de forma que se abster dos prazeres que não deve sentir não lhe custa nada, antes lhe traz satisfação, pois tais prazeres se lhe assomam como ensejos de vergonha (*aidos*) e não como verdadeiros prazeres.

Já em relação ao intemperante, Aristóteles (*Eth. Nic.*, III, 11, 1108b, 20) o define como escravos de seus comportamentos:

E as pessoas intemperantes vão em excesso de todas essas maneiras, porque elas desfrutam de certas coisas que não deveriam (porque essas coisas são detestáveis), e se elas desfrutam do tipo de coisa que é certo desfrutar, elas as apreciam mais do que é certo ou mais do que a maioria das pessoas gostam deles. Claramente, então, o excesso em relação aos prazeres é a intemperança e a culpa.

O intemperante tem a opção de escolha visto que o prazer em si é desejável (Arist., *Eth. Nic.*, III, 12, 1108b, 1). Além do mais, Aristóteles (*Eth. Nic.*, III, 10, 1108a, 23-26) afirma que “é com prazeres como esses que a temperança e a intemperança estão relacionadas – àquelas que outros animais compartilham – é por isso que eles parecem escravos e brutos”. O autor ressalta que o desejo de um ser irracional é voraz, sem limites, excluindo qualquer reflexão acerca de seus instintos (Arist., *Eth. Nic.*, III, 12, 1109b, 7-11). Como o corpo e os desejos são o que aproximam os homens dos animais, o controle desses instintos faz jus à racionalidade do indivíduo, enquanto a total entrega a esses deleites e a perda de domínio dos prazeres condena, no sentido de aprisionar, o sujeito a ser refém de suas próprias vontades. Logo, os homens que fossem tidos como temperantes eram bem vistos pelos demais enquanto indivíduos virtuosos, ao passo que o intemperante seria continuamente repreendido por suas ações.

A regulação do corpo do conviva na *Saturnalia*, de Macróbio

Macróbio, em sua obra, representa o banquete como um momento no qual há normas e regras que disciplinarão o corpo dos comensais presentes. A respeito do conceito de disciplina, Foucault (1987, p. 118-9) pontua que o corpo é moldado por um controle rígido e minucioso de ações, do qual faz parte a formação pedagógica. Em outros termos, a disciplina permite que o corpo seja controlado, pois ela tem por finalidade fabricar corpos dóceis. Dentre essas normas, Macróbio fornece orientações quanto ao comer (*Sat.*, I, 2, 12; 7, 9; II, 1, 1; VII, 4, 32; 5, 24), ao beber (*Sat.*, II, 1, 1; 8, 5; 8, 6; VII, 1, 1; 5, 14) e ao falar (*Sat.*, I, 1, 2; 1, 4; 5, 11-12; VII, 1, 3; 4, 1) durante o banquete. Caso um conviva não respeitasse essa regulação, ele não seria bem recebido naquele

ambiente. Dito isso, nos deteremos, a partir de agora, à análise dessas passagens em busca de investigar quais eram especificamente tais normas e, também, como elas eram apresentadas no momento do baquete.

É possível entender o motivo pelo qual a temperança é tão presente nos diálogos de Macróbio, uma vez que as virtudes citadas na seção anterior poderiam reafirmar a identidade dos indivíduos a partir do seu comportamento ao longo do banquete. A identidade, de acordo com Silva (2000, p. 76), é o “resultado de atos de criação linguística”, ou seja, é construído por meio de um ato de linguagem, fugindo de uma concepção essencialista.⁵ Desse modo, compreendemos que a identidade é uma construção, fabricada em determinado contexto cultural e social, “ativamente produzida” por meio da linguagem, sendo essa última um sistema de significação.

É mediante a linguagem dos discursos que Macróbio reforça em sua obra qual é a postura correta a ser adotada pelos convivas. Como exemplo, no segundo livro da obra, Evangelo, um conviva representado como rude e mal-educado, sugere aos convidados que eles se entreguem aos prazeres do vinho: “Vamos, antes de nos levantarmos da mesa, vamos nos entregar a mais uma ou duas rodadas de vinho, com o respaldo do decreto de Platão [...]” (Mac., *Sat.*, II, 8, 4.). Mas, imediatamente, ele é repreendido por Eustácio, um filósofo que é representado como um profundo conhecedor do assunto e bastante eloquente, que afirma: “Pois ele [Platão] pensava que as formas modestas e respeitáveis de relaxamento proporcionadas pela bebida restauram nossas mentes e as tornam inteiras novamente, de modo que possamos retomar os deveres próprios da sobriedade” (Mac., *Sat.*, II, 8, 6.). Segundo Eustácio, quando se bebe com moderação, o indivíduo consegue se controlar e facilmente retomar suas atividades diárias. Porém, se há a perda de controle, todos os afetos e segredos serão revelados devido à liberdade que o vinho propicia.

Macróbio representa em seu banquete dois comportamentos inversos. De um lado há Evangelo, que a todo o momento é desrespeitoso com os demais convivas, falta com a etiqueta, comporta-se de forma ofensiva e defende o consumo desenfreado de vinho, representando um conviva intemperante, que não preza pelo equilíbrio, mas pela entrega aos desejos. Em contrapartida, há Eustácio, representado como um homem temperante que, diante dos prazeres corporais, como o consumo de bebidas, comporta-se de forma comedida e parcimoniosa.

⁵ De acordo com Woodward (2000, p. 15, 37), uma visão essencialista acerca da identidade consiste em fundamentar a sua construção em afirmações biológicas e naturais, ou históricas e culturais, recorrendo a “verdades” fixas, “naturais”. Adotar uma perspectiva essencialista seria afirmar que a identidade é um elemento da natureza, já dado naturalmente, essencial, ao contrário de compreendê-la como fruto, construção de um determinado contexto cultural e social.

Em termos conceituais, a representação, de acordo com Woodward (2000, p. 17), produz significados e sistemas simbólicos que possibilitam a definição de identidades individuais ou coletivas. Nesse caso, a representação dos convivas realizada por Macróbio define bem quais condutas seriam atribuídas a um homem virtuoso, portador da *paideia*, e quais associaríamos a um indivíduo intemperante. Importante ressaltar aqui que a identidade e a diferença ocorrem também por meio de oposições binárias. Como afirma Woodward (2000, p. 50), “uma característica comum à maioria dos sistemas de pensamento parecer ser, portanto, um compromisso com os dualismos pelo quais a diferença se expressa em termo de oposições cristalinas”. Isso significa que, ao definir essa dicotomia, um dos lados sempre é mais valorizado do que o outro. Um dos lados comumente é a norma, enquanto o outro é a diferença, o excluído. É notável como isso ocorre na definição do homem virtuoso: a norma, a identidade, o correto consiste no homem temperante, enquanto o intemperante é a oposição, a diferença, o excluído.

Dando continuidade ao diálogo, o filósofo Eustácio segue com esclarecimentos acerca do uso da bebida:

Um homem que não conhece as delícias e seduções do banquete e não participou delas é enganado e cativo, sua mente e seus pensamentos não encontram um lugar estável para ficar, se a escolha, ou acaso ou a compulsão fazer com que ele se familiarize com tais prazeres. Como na batalha, então, temos que enfrentar os inimigos – prazeres e condescendência com vinho – e combatê-los de perto, de modo que nos fortaleçamos contra eles não por fuga ou evasão, mas confiando em exercícios mentais, resolução contínua e indulgência moderada para preservar nosso equilíbrio e autocontrole (Mac., *Sat.*, II, 8, 8-9).

O homem que se deixa controlar pelos encantos do banquete e do vinho, segundo o excerto destacado, perde o controle de sua mente (*mentem*) e de seu espírito (*animus*). Mas o filósofo ressalta que não se deve adotar uma postura de fuga diante dos prazeres, mas sim de equilíbrio. Eustácio continua seu discurso expondo o pensamento aristotélico acerca dos prazeres, afirmando que o homem tem cinco sentidos (*aisthéseis*), por meio dos quais o corpo e a alma buscam o gozo. E acrescenta:

O prazer derivado imoderadamente de todos esses sentidos é baixo e imoral, mas o prazer excessivo derivado do gosto e do tato – um prazer composto, como os sábios consideraram – é o mais repugnante de todos: para aqueles, especialmente, que se renderam a esses prazeres, os gregos aplicavam os termos para o mais grave dos vícios, chamando-os de *akratês* ou *akolástoi*, ou como dizemos incontinentes ou descontrolados (Mac., *Sat.*, II, 8, 11-12).

Diante de tal passagem, reafirmamos o quanto o comportamento do conviva, ou a sua entrega ao prazer excessivo (*omnibus voluptas*), pode definir a sua identidade. De

acordo com Woodward (2000, p. 9), a identidade é relacional, pois ela é marcada pela diferença. Silva (2000, p. 75) reitera: "Assim como a identidade depende da diferença, a diferença depende da identidade". Elas são, desse modo, inseparáveis. Ambos os autores realizam tais afirmações, pois compreendem que, diante da definição do que o indivíduo é, automaticamente se define o que ele não é. Portanto, perante a assertiva que características como incontinentes, descontrolados ou escravos são atributos de homens não virtuosos, mas cheios de vícios, também definimos a identidade do homem virtuoso.

Macróbio, entretanto, não se limita apenas a dizer o que não se deve fazer, mas, em momentos específicos, faz questão de reforçar como deveria funcionar esse momento festivo. Ao dar início à tarde de debates na casa de Vétio Pretextato, ainda no primeiro dia da festa, o autor aponta: "A moderação dos comensais pôs fim à sobriedade dos manjares, e através de pequenos copos começava a nascer a alegria entre os convidados" (Mac., *Sat.*, II, 1, 1). Ou seja, havia a presença do vinho durante o banquete, mas isso não significava que ele acontecia à revelia. Ao contrário, Macróbio ressalta que o *modestus modus* da alimentação dos convivas era característico durante o banquete, o que regulava o clima da festa. Eustácio, por exemplo, ao exortar Evangelo na passagem explicitada anteriormente, ressalta que o brinde deveria ser feito com pequenos copos (*minuta pocula*) (Mac., *Sat.*, II, 8, 5).

Em consonância com o caráter pedagógico da obra, podemos perceber que Macróbio faz comentários pontuais, por meio dos diálogos, sobre qual deveria ser o comportamento correto ao longo do *convivium*. Mas precisamos esclarecer de que modo o cumprimento dessas normas tinha a possibilidade de reafirmar a identidade desse indivíduo enquanto um homem civilizado e virtuoso. Tais valores, como a temperança, por exemplo, reforçavam a identidade dos indivíduos como portadores da *paideia*. Tal instrução não se limitava somente ao conhecimento intelectual, mas também dizia respeito à formação do homem romano, incluindo os códigos de conduta aceitos e estimados pela elite, visto que a *paideia* consistia em um elemento de distinção em meio à aristocracia. Saber como se comportar diante dos pares, ter uma boa oratória, elegância e polidez não eram habilidades que possibilitariam apenas galgar cargos na administração imperial, mas também tornavam possível a criação e manutenção de relações sociais importantes para o sistema social da elite. Defendemos, portanto, que, ao passo que essa formação cultural influenciava na conduta do comensal ao longo da festa, seu comportamento também comunicava aos demais participantes o seu *status* social e sua instrução, no caso, a *paideia*.

A discussão acerca da moderação continua ao longo da obra, mas não somente em torno do vinho. Ainda no livro II, logo após Macróbio, por meio de sua narração,

ressaltar a temperança dos convivas, Avieno, um dos mais jovens participantes, exalta de forma até mesmo exagerada a sobriedade de sua festa, comparando-a inclusive com o banquete de Platão:

Quanto à nossa reunião de convívio, a qual tem combinado a frugalidade da idade heroica e o refinamento do nosso século, e onde a riqueza é moderada e a sobriedade esplêndida, eu não só duvidaria em compará-lo com o banquete de Agatão, mas eu até o colocaria diante dele [...]. De fato, o próprio rei da festa não é inferior a Sócrates em costumes morais, e na vida pública é mais ativo que o filósofo, e quanto ao resto dos presentes, destaca sobremaneira na prática das virtudes [...] (Mac., *Sat.*, II, 1, 2-3).

Ao ser questionado por Vétio acerca de sua “polêmica” declaração, o jovem justifica:

Naquele grave banquete – diz Avieno – houve aqueles que alegaram a entrada de uma tocadora de cítara, com o deliberado propósito de que a jovem, mais sedutora do que o normal, graças à doçura do seu canto e da sua dança lasciva, estimulava, com seus atrativos, discussões filosóficas. Ali ele tentou fazer isso para celebrar a vitória de Agatão; nós aumentamos a honra do deus, cuja festa hoje celebramos, sem acrescentar nada de volúpia (Mac., *Sat.*, II, 1, 5-6).

Para Avieno, o banquete realizado por eles era considerado tão refinado, moderado e sóbrio, que poderia até mesmo ser comparado com o clássico banquete de Agatão, descrito na obra *Symposion*, de Platão. O jovem não só compara como, inclusive, surpreende os demais convivas ao afirmar que o *convivium* realizado por eles era ainda mais honroso do que o de Platão. Como argumento, Avieno pontua que, ao contrário de honrar a festa de um homem (Agatão), Pretextato e seus convidados estavam atribuindo honras a um deus (Saturno). Além disso, o jovem ressalta que, diferentemente do banquete descrito no *Symposium*, não havia naquele momento danças lascivas (*saltationis lubrico*), estando a festa livre de volúpia e sensualidade (*voluptatis*). Na concepção de Avieno, os entretenimentos apresentados na festa não eram benquistos. Símaco, porém, alerta o jovem para a necessidade do equilíbrio e da moderação:

Posto que nas *Saturnalia*, o dia mais feliz, segundo o poeta de Verona, não devemos repudiar o prazer como se fosse um inimigo, como fariam os estoicos, nem tampouco colocar o bem supremo no prazer, na maneira dos epicuristas, pensemos em uma alegria carente de lascívia [...] (Mac., *Sat.*, II, 1, 8).

Assim como nos demais excertos, mais uma vez o equilíbrio e a moderação são evocados durante a discussão. Além da preocupação acerca dos vinhos e do entretenimento, Macróbio também traz à tona, em meio aos diálogos, a temperança em

relação ao consumo de alimentos. Vétio, no livro 7, comunica ao médico Disário suas dúvidas acerca do momento do comer:

Pergunto se é mais fácil digerir a comida simples ou a composta, já que vimos que muito são partidários do primeiro, e alguns, do segundo. Na realidade, a sobriedade é soberba, obstinada e vangloria-se de si mesma; a gula, ao contrário, quer ser atrativa e afável. Pois bem, visto que uma é severa como um censor e a outra é deliciosa, gostaria de saber qual é a mais idônea para conservar a boa saúde (Mac., *Sat.*, VII, 4, 3).

Apesar de a pergunta do conviva ser a respeito de hábitos alimentares, percebe-se a sua preocupação em conservar a temperança, ou seja, nem a severidade, nem a liberdade demasiada. O médico Disário responde que a variedade de alimentos estimula a gula para além das necessidades naturais, de forma que se devem evitar alimentos e bebidas que prologuem o apetite. Disário ainda ressalta: "Por fim, há outro motivo para repudiar a variedade na comida: estar cheio de fato, de que se devem guardar as pessoas sérias e estudiosas. De fato, que maior contraste existe do que a virtude e o prazer?" (Mac., *Sat.*, VII, 4, 32-33),

O banquete em si é representado como moderado (Mac., *Sat.*, II, 1, 1). No entanto, é sempre necessário ressaltar que essa moderação não consiste na simplicidade do festim, mas sim na temperança e no equilíbrio existentes na representação de Macróbio. Podemos constatá-lo por meio da fala de Postumiano, que, ao narrar os detalhes do banquete, descreve-o como "tão abundante quanto refinado" (Mac., *Sat.*, I, 2, 12). Além do mais, tal ocasião deveria ser acompanhada de discussões e conversas (Mac., *Sat.*, I, 7, 9). Devemos ressaltar que a alimentação também consiste em uma construção cultural, de forma que, como afirma Rodrigues (1975, p. 66), não se pode comer ou beber de qualquer forma, pois há determinados alimentos para eventos específicos, e existem, até mesmo, alimentos proibidos, de modo que essas definições funcionam de acordo com cada cultura. Importa ressaltar que a alimentação consiste em uma das principais formas de socialização, por isso o banquete possuía um papel tão relevante na sociedade tardo-antiga.

Também podemos perceber, por meio desse debate, que há uma preocupação sobre os assuntos que devem ser tratados ou não no momento do banquete. No sétimo livro das *Saturnais*, há uma discussão entre Símaco e Eustácio, na qual o primeiro questiona se a filosofia deve estar presente nos banquetes. Eustácio responde tal indagação reafirmando o respeito necessário para o debate da filosofia, porém faz a seguinte observação: "Mas se por isso será exilada dos simpósios, se afastarão também

suas alunas, isto é, a honestidade e a moderação, e não menos a religiosidade junto com a sobriedade. Qual delas poderia dizer que é menos venerável?" (Mac., *Sat.*, VII, 1, 5).

As conversas, de acordo com os convivas, deveriam ser festivas, leves, agradáveis (*voluptatis amplius*) e menos austeras (*severitatis minus*) (Mac., *Sat.*, I, 1, 2). De acordo com Macróbio (*Sat.*, I, 1, 4), ao narrar a obra, "em um banquete convém que haja conversações tão íntegras por sua decência, como sedutoras por seu encanto". Pretextato, ao convidar os convivas para discussões filosóficas argumenta que a maioria das pessoas se dedicariam a jogos, enquanto eles estariam tendo sábias discussões, desde o amanhecer até o fim do dia. E ainda argumenta: "sim, nos recrearemos um pouco e nos aliviaremos com o prazer de uma conversa amena e honesta" (Mac., *Sat.*, I, 5, 12).

Diante das orientações apresentadas acima por Macróbio, precisamos refletir acerca da representação criada pelo autor. Ao analisarmos quem eram os homens que Macróbio (*Sat.*, I, 1, 3-4) procurava representar, verificamos que se constituíam em homens doutos, eruditos. Na própria obra, ao longo de todos os discursos, verificamos que o autor não escolhe determinado personagem de forma aleatória. Pretextato, por exemplo, é definido como conhecedor dos ritos religiosos (Mac., *Sat.*, I, 7, 17), eloquente e erudito (Mac., *Sat.*, I, 11, 1), efetivo na vida pública (Mac., *Sat.*, II, 1, 3), entre outros atributos. Não somente a sua cultura literária era elogiada, mas também os seus atributos morais, visto que é caracterizado como sério (Mac., *Sat.*, I, 5, 4), calmo, gentil (Mac., *Sat.*, I, 7, 2) e portador de uma paciência inabalável (Mac., *Sat.*, I, 7, 5). Do mesmo modo, isso ocorre em relação aos demais convivas. Sérvio, por exemplo, é caracterizado como portador de uma admirável instrução (Mac., *Sat.*, I, 2, 15) e como um homem instruído (Mac., *Sat.*, I, 24, 8). Em relação aos seus atributos morais, é definido como amável, modesto (Mac., *Sat.*, I, 2, 15) e tímido (Mac., *Sat.*, II, 2, 12). É possível perceber que, além de serem caracterizados como homens doutos, tais homens eram sempre representados como homens temperantes e equilibrados.

Foi nosso propósito, neste artigo, analisar como o corpo do conviva deveria ser regulado pelos códigos de conduta presentes no banquete. Como resultado, compreendemos que o momento da festa não é ausente de regras e normas, de modo que há sim uma expectativa quanto ao comportamento dos participantes. Além do mais, a adequação a esses códigos de conduta poderia moldar a identidade desse participante, levando-o a ser considerado um homem civilizado ou um intemperante, que não controla seus vícios.

Referências

Documentação textual

- ARISTOTLE. *The Nicomachean Ethics*. Translated by David Ross. New York: Oxford University Press, 2009.
- MACROBIO. *Saturnalia*. Edited and translated by Robert A. Kaster. Cambridge; London: Harvard University Press, 2011. 3 v.
- MACROBIO. *Saturnales*. Traducción de Fernando Navarro Antolín. Madrid: Gredos, 2010.

Obras de apoio

- DONAHUE, J. F. (Ed.). *Food and drink in Antiquity: readings from the Greco-Roman World*. New York: Bloomsbury Academic, 2015.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- GUARINELLO, N. L. Festa, trabalho e cotidiano. In: JANCÓS, I.; KANTOR, Í. (Org.). *Festa: cultura & sociabilidade na América portuguesa*. São Paulo: Edusp, 2001, p. 969-975. v. 2.
- CARNEIRO, H. *Bebida, abstinência e temperança na história antiga e moderna*. São Paulo: Senac, 2010.
- KASTER, R. Macrobius and Servius: Verecundia and the grammarian's function. *Harvard Studies in Classical Philology*, v. 84, p. 219-262, 1980.
- RAMOS, H. M. A. O Corpo e a temperança na *Ética a Nicômaco*. *Theoria*, v. 1, n. 2, p. 67-78, 2009.
- RODRIGUES, J. C. *Tabu do corpo*. Rio de Janeiro: Achiame, 1979.
- SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 73-102.
- WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 7-72.